

A CASA E OS OBJETOS¹

Lizandro Lui²

Resumo: Este artigo discutirá a respeito de como os objetos que fazem parte do cotidiano refletem aspectos da cultura. A pesquisa investigará as mudanças que ocorreram na casa de descendentes de imigrantes de italianos, moradores da zona rural do município de Anta Gorda – RS. As mudanças que me refiro relacionam-se a organização, o tamanho e a disposição dos cômodos no interior das casas, bem como a importância de alguns objetos que dela fazem parte. O objetivo foi compreender de que maneira se deu a mudança de padrão de construção das casas nas últimas décadas entre 1960-2010, bem como a importância dos objetos que aqui serão tratados como agentes que ativam a memória daquelas pessoas sobre sua história de vida. Trabalharei com o ensaio de Pierre Bourdieu no seu trabalho sobre a casa Kabyle, assim como autores que trabalham com cultura material. Constato que a forma da casa reflete a estrutura social, reforça os costumes e educa os indivíduos. Algumas mudanças sociais ocorreram no decorrer das décadas e refletem na atual forma estrutural das casas hoje. Para compreender a atual situação proponho uma discussão com a teoria de Fredric Jameson sobre a pós-modernidade.

Palavras chaves: Cultura material, estrutura das casas, valor social dos objetos.

E conferenciavam pasmados. Tinham percebido que havia muitas pessoas no mundo. Ocupavam-se em descobrir uma enorme quantidade de objetos. (...) Impossível imaginar tantas maravilhas juntas. O menino mais novo teve uma dúvida e apresentou-a timidamente ao irmão. Seria que aquilo tinha sido feito por gente? Talvez aquilo tivesse sido feito por gente.

Graciliano Ramos – Vidas Secas

¹ Trabalho feito para a disciplina de Teoria Antropológica. Prof. Dr. Débora Leitão.

² Graduando de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: lizandrolui@hotmail.com

Introdução

A humanidade é inseparável da materialidade. Compreender isso é importante para os que pretendem compreender o ambiente material construído pelo homem. O trabalho se propõe a debater sobre cultura material a partir de um estudo de caso feito na cidade de Anta Gorda - RS. Cultura material aqui será tomada como o valor social dos objetos que rodeiam as pessoas e a identificação das pessoas em seus artefatos. Como técnica de abordagem foi utilizada a entrevista com os moradores, onde lhes foi sugerido que falassem sobre sua casa, seus objetos de uso, desde os mais antigos até seus pertences em geral. Também foram coletadas fotografias das casas e dos ambientes internos das mesmas.

Trata-se de uma região que recebeu predominantemente imigrantes italianos em meados do século XX e encontra-se na zona rural. As questões que me motivaram a fazer essa pesquisa foram buscar saber o motivo das pelo qual as casas daquele local terem apresentado mudanças significativas em sua estruturação nos últimos quarenta anos. Outra questão a ser levantada era procurar saber que tipo de relação se estabelece entre as pessoas pesquisadas e os objetos que pertencem àquelas famílias a gerações, incluindo os tipos de usos e tratos que são dados a tais objetos.

Para conseguir trabalhar com esse objeto, tive que fazer escolhas tendo em vista ser impossível conseguir captar tudo o que no campo se apresenta. Dessa forma, elegi a sala de estar como objeto desta análise para tratar da mudança de padrão construtivo que ocorreu naquele lugar. Faço a comparação entre modelos de casas mais antigos (construídos pelo menos há trinta anos) e modelos de casas mais recentes (edificadas na última década). Utilizo a teoria de Pierre Bourdieu no que se refere às estruturas estruturantes e estruturas estruturadas, o seu ensaio em que ele trabalha com a Casa Kabyle e a questão do habitus para compreender esse objeto. As teorias como a de Miller (2007), Baudrillard (2002), Leitão e Pinheiro-Machado (2010) e Carvalho (2008) que versam sobre a questão da cultura material e o valor social dos objetos serão utilizadas para entender a função dos objetos na vida das pessoas e enquanto agentes que participam no processo de reconstrução da memória. Faço uso da teoria da pós-modernidade do autor norte americano Fredric Jameson para explicar a mudança nos hábitos das pessoas que se deu nos últimos anos, bem como da mudança física das casas.

Uma análise a partir do tamanho das salas

As casas dos descendentes de italianos de Anta Gorda - RS mudou de forma considerável nessas últimas décadas. A mudança vai desde o tipo de materiais para construção, o tamanho, as cores escolhidas até o tamanho dos compartimentos internos. Nas casas mais antigas vê-se a base da casa, chamada de porão, executada em alvenaria de pedras, algo que demonstra força e resistência e as partes superiores feitas de madeira com as divisórias internas também de madeira. As casas antigas eram consideravelmente grandes, algumas chegando a apresentar até três ou quatro pavimentos, onde via-se uma abundância de ambientes internos.

Por já ter vivido naquela localidade, os moradores foram receptivos na minha visita. Minha entrada no campo de estudo se deu de forma relativamente fácil e todas as vezes dispensei apresentações pois todos me conheciam. Mas desta vez, entrei lá como cientista social, alguém disposto em realizar a chamada “ruptura epistemológica” defendida por Pierre Bourdieu, ou seja, enxergar além do senso comum. Meu desafio consistia em conseguir compreender, fazendo uso de aparato bibliográfico, a organização e a cultura da qual fiz parte durante boa parte da minha vida. Nesse ponto do trabalho há uma aproximação entre o lado pessoal do pesquisador com sua pesquisa. A localidade tem aproximadamente trinta famílias, a maioria das casas antigas já foram demolidas. Fui obrigado escolher entrevistar os moradores das casas ditas antigas que ainda serviam de habitação para as famílias, foram feitas entrevistas e fotografias em quatro delas. Quanto à escolha das casas de construção recente, escolhi as moradias que são vizinhas das antigas, somando um total de seis casas. Dessa forma, entrevistei uma microrregião dentro da localidade do interior do município de Anta Gorda- RS. A escolha pelas casas que ficam próximas umas das outras se deu em virtude de deslocamento físico, visto que as pessoas moram longe umas das outras, consequência do crescente êxodo rural. Apesar de estatisticamente o número ser muito reduzido, isso não impossibilitou o andamento da pesquisa, visto que, as entrevistas foram feitas de forma aprofundada e as pessoas se mostraram muito prestativas em responder e empolgadas com a ideia de que poderiam contribuir com meu trabalho.

Na minha entrada no meu campo, solicitava que as pessoas falassem sobre sua vida naquela casa bem como contar a história da sua família e de que forma as festas e encontros familiares eram feitos antigamente. As entrevistas e todas as fotografias utilizadas neste artigo

foram feitas por mim em meados de novembro de 2011. Tinha em mãos meu caderno de anotações e uma máquina fotográfica, por esses dois instrumentos foi possível compreender, pelo menos em parte, o universo que se apresentava diante de mim. Foi utilizada a técnica da entrevista em conjunto com a imagem para ilustrar ao leitor o design das casas. Para o uso de imagens em pesquisas Novaes (2008, p.465) argumenta que o uso da imagem auxilia na compreensão e ilustração do que se quer explicar, e segundo a autora:

Imagens favorecem, mais do que o texto, a introspecção, a memória, a identificação, uma mistura de pensamento e emoção. Imagens, como o próprio termo diz, envolvem, mais do que o texto descritivo, a imaginação de quem as contempla. Elementos visuais têm a capacidade de metáfora e sinestesia — relação subjetiva espontânea entre uma percepção e outra que pertença ao domínio de um sentido diferente.

As famílias antigamente naquela região eram em regra numerosas, os casais tinham mais de cinco filhos. A cozinha e a sala eram muito grandes. Nem todos os irmãos tinham um quarto para si apesar da separação entre meninos e meninas ser feita e os pais tinham um dormitório exclusivo. A casa que eu visitei tinha uma sala ainda nos padrões antigos³. Segundo o seu dono, a sala mede oito metros de comprimento por quatro de largura. Antigamente, segundo o dono, a sala servia como local de encontros familiares em datas especiais e como local de oração diário.

³ Todas as fotografias das casas e ambientes internos foram coletadas com a permissão dos respectivos donos.



Figura 1. Casa de modelo antigo. 2011.



Figura2. Casa de modelo antigo. 2011.



Figura 3. A sala das casas antigas. 2011.



Figura 4. A parte frontal da casa. 2011.

Weimer (1987) discute a arquitetura no Rio Grande do Sul e também trabalha com as casas dos descendentes de italianos, o autor faz uma descrição desse tipo de habitação. A sala apresentou-se por muitos anos como algo fixo, uma espécie de cartão postal da casa, da família. Autores como Carvalho (2008) trabalham com o objeto, porém utilizando recorte histórico diferente. Segundo a autora, a sala não era sucessível as tendências da moda por que era um lugar de legitimação da família, algo que ao mesmo tempo deveria ser receptivo e de mostrar “prestígio e superioridade social” (CARVALHO, 2008, p. 119). O tamanho avantajado desta era necessário, segundo meus entrevistados, pois quando alguém falecia os atos fúnebres eram feitos em casa e a família conduzia o corpo depois de um dia de velório até a Igreja da comunidade onde ocorria o sepultamento. Assim a casa sempre recebia todos os familiares e era necessário um grande espaço. As famílias daquela região são predominantemente católicas. As casas eram demasiadamente grandes, pintadas com cores fortes e rodeadas por árvores.

Na década de 1980 com a chegada da energia elétrica, houve uma modificação significativa nas residências. A construção de um anexo na casa, que eles chamam de “área” foi incorporada na maioria das casas. A área comporta um espaço sempre na parte frontal da casa onde se dá o acesso, neste local se receberiam as visitas em dias de calor. Ao lado construiu-se um banheiro com chuveiro elétrico, substituindo a patente (banheiro externo a casa) e uma churrasqueira.

Questionado sobre as demais funções da sala meu informante, um senhor com aproximadamente cinquenta anos, disse-me que era um costume antigo que os pais tinham de supervisionarem os filhos e as filhas enquanto namoravam. Essa prática também ocorria na sala. Esse senhor me disse que a sala ficava entre o quarto e a cozinha e o pai quando não queria ficar toda hora vendo o namoro ele ia para a cozinha. Mas na parede que dividia os dois cômodos havia uma minúscula janelinha definida por ele de “palmo de altura por um palmo de largura”. Era a partir daí que o pai vigiava os casais namorarem. Como se tratava de algo que ficava na parede e, portanto perceptível, o casal tinha consciência de sua função e existência, mas não sabia a hora em que o pai iria olhar, portanto estavam submetidos a uma coerção moral. O senhor riu ao me contar isso dizendo que a casa dele já não contava com esse óculo, mas ele afirma que em sua juventude ter entrado em casas que havia isso. No entanto, hoje em dia, acredita que provavelmente tais construções com esse artifício já tenham sido demolidas.

Baudrillard (2002) é um teórico que vai trabalhar com a função dos objetos, dos móveis e dos cômodos do espaço privado. A partir de sua teoria é possível pensar acerca do tema que até aqui foi abordado. De acordo com Baudrillard (2002, p. 22):

Os móveis se contemplam, se oprimem, se enredam em uma unidade que é menos especial do que ordem moral. Ordenam-se em torno de um eixo que assegura a cronologia regular para si mesma. Neste espaço privado, cada móvel, cada cômodo por sua vez interioriza sua função e reveste-lhe a dignidade simbólica: completando a casa inteira a integração das relações pessoais no grupo semifechado da família.

As pessoas entrevistadas seguem a religião católica e contam que as famílias de antigamente rezavam diariamente o rosário⁴. Tanto antes como na atualidade há um rodízio na localidade da imagem de Nossa Senhora de Caravággio. Cada família a recebe mensalmente de um vizinho, quando recebe são feitas as orações. Contou-me uma interlocutora que quando era mais jovem ficavam-se horas rezando quando o vizinho trazia e essas orações eram feitas na sala. Se antigamente, cada família tinha de sete a dez integrantes e se algumas famílias vizinhas também resolvessem em vir, acumulava facilmente trinta pessoas ou mais. Isso se dava diversas vezes por semana e participavam tanto homens quanto mulheres e crianças. As famílias rezavam todas as noites, independente de ter ou não a imagem da santa, apenas nos dias em que a imagem chegava nas casas é que reunia mais pessoas.

Todas essas práticas culturais são entendidas por Bourdieu (1983, p.65) não como algo mecânico, feito sem consciência, mas interpretada como um habitus, uma relação dual entre a pessoa e a estrutura:

A prática é, ao mesmo tempo, necessária e relativamente autônoma em relação à situação considerada em sua imediatidade pontual, porque ela é o produto da relação dialética entre uma situação e um habitus – entendido como um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente

⁴ Rosário consiste em repetir 150 vezes a oração da Ave-Maria e a cada 10 orações dessas eram rezados uma oração do Pai-Nosso e cantos e louvores a Santos e Anjos.

diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver os problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por esses resultados.

Algumas vezes ao ano, segundo meus entrevistados, ocorriam pequenos encontros nas casas onde se dançavam, cantavam, bebiam e comiam ao redor do fogão à lenha. Era o momento de trocas de histórias, ensinamento de cantigas, da prática do dialeto italiano. Quase toda a casa tinha seu pequeno vinhedo, onde se faz o vinho que vai ser consumido durante todo o ano. Ao contrário da casa Kabyle narrada por Bourdieu (2002), o vinho não fica exposto logo na entrada da casa, mas sim debaixo da casa, na parte oculta e mais escura chamada de porão. Assim como na casa Kabyle, que as mulheres não podem ficar no local onde se encontra o que foi produzido pela família e principalmente onde fica as bebidas alcoólicas, qualquer pessoa pode circular por toda a parte da casa, apesar de não ser conveniente que as mulheres se embriaguem ao contrário dos homens que podem.

A mudança dos costumes

Com a energia elétrica as famílias foram mudando seus costumes gradativamente. Hoje, verifica-se que as famílias raramente se visitam, ficando resguardadas em suas casas assistindo a novelas e outros programas de televisão. Sendo assim, tanto a oração quanto as visitas noturnas, chamadas de “filó”, foram deixadas de lado. Esses novos fatos que ocorrem foram me narrados com pesar pelo meu interlocutor, segundo ele, as pessoas deveriam voltar a se visitar como antes faziam. Se por um lado as mudanças trazem conforto como luz elétrica, por outro lado substituem os antigos modos de viver por outros. Os falecidos são velados na igreja ou funerária, não mais em casa e os casais não namoram mais na sala, e sim no quarto fechado. A privacidade tornou-se um valor social que passou a ser valorizado, não é mais conveniente os jovens ficarem submissos à supervisão e opinião dos pais. O número de filhos diminuiu e nesse momento as famílias contam com um ou dois filhos por casal. Agora cada irmão tem o seu quarto e os jovens não festejam mais nas próprias casas com amigos, parentes e vizinhos, mas vão para boates, bares, praças, etc.

No que se refere as identidades sociais, Zanini (2005) traz uma concepção teórica bastante interessante, segundo a autora as identidades são construções que estão em constante mudança, são renegociadas a partir do momento em que recebe estímulos. Um desses

estímulos pode ser, a televisão que expõe a cada dia novos padrões de vida, moda, decoração de ambientes, receitas e comportamento. Segundo Zanini (2005, p.703-704):

As identidades, que são construtos individuais e coletivos que se refazem constantemente, têm na contemporaneidade dialogado intensamente com os meios de comunicação, em especial com a televisão e suas linguagens (...) penso que não se pode esquecer, no contexto latino-americano e particularmente no brasileiro, que o modelo de televisão que se tem é hegemônico no sentido de transmitir um determinado estilo de vida e padrões de consumo tidos como mais “modernos” e aceitáveis. Dessa forma, diria que as identidades étnicas, ao sofrerem o impacto das mensagens televisivas, também são renegociadas. O que quer dizer, enfim, que a televisão ou a literatura seriam meios amplamente reflexivos por meio dos quais os grupos e os indivíduos podem reconsiderar suas opções e tradições.

Mas algo ainda permanece no presente: todo dia um vizinho leva a imagem de uma Santa ao vizinho do lado, num ciclo que não se termina. A visita dura apenas alguns minutos, logo quem entregou a santa volta a sua casa. No outro dia, esta pessoa que no dia anterior recebeu, leva a imagem da Santa para outra família. Percebe-se quão importante que se faz a teoria de Mauss das trocas recíprocas (dar, receber e retribuir) para entender essa dinâmica que se iniciou no passado e que continua até hoje. A visita entre os vizinhos e os rituais realizados por eles reforçavam os laços sociais que os uniam.

No texto de Bourdieu (2002) sobre a Casa Kabyle no livro “A casa ou o mundo às avessas” retrata a maneira como se dá a organização da casa do povo argeliano nativo. Ele fala que existem partes da casa reservadas para certas atividades, como o parto e relações sexuais. Logo quando se entra na casa narrada por Bourdieu, a primeira coisa que se vê é a produção da família, o que ela colheu no último ano. Nas casas que eu visitei ao entrar se enxerga a mesa onde se faz as refeições e a televisão, tanto nas casas antigas quanto nas casas novas. Existem sempre duas portas de entrada: uma que dá acesso à cozinha e outra que dá acesso à sala. Sempre se costuma entrar pela porta da cozinha, apenas em dias especiais de festejos ou orações é que a porta da sala é aberta. Mas hoje o tamanho da sala diminuiu e nada mais ocorre na sala, a porta que dá acesso a mesma que continua a ser construída perdeu sua função. Não existe nenhum lugar em que a mulher ou o homem são proibidos de entrar, ao contrário da casa narrada por Bourdieu em que existe esse tipo de restrições. Percebe-se uma

preferência dos descendentes dos imigrantes de italianos em construir a casa com a parte dos dormitórios virados ao leste. Os dormitórios sempre se concentravam no segundo andar na casa, altos a fim de ninguém sair ou entrar pelas janelas. O texto de Bourdieu sobre a casa Kabyle é descritivo, mas já se pode identificar nele as orientações teóricas que o autor segue ao longo de seus estudos teóricos. Retonando a descrição de Bourdieu (2002, p.107):

Percebemos logo a importância atribuída à orientação da casa: a fachada da casa principal, a que abriga o chefe de família e que tem o estábulo, é quase sempre orientada na direção do leste, a porta principal – por oposição à porta estreita e baixa, reservada às mulheres, que se abre sobre o jardim nos fundos da casa – é comumente chamada a porta do leste, ou porta da rua, porta do alto, porta grande.

Ao observar as casas construídas na década passada, percebe-se uma profunda mudança em relação às descritas acima. O tamanho delas mudou, foi diminuído. A extensão das casas ditas “novas” que visitei alcançavam no máximo nove metros de comprimento por cinco de largura, um pouco mais do que o tamanho da sala de antigamente. A localização delas em relação à posição com a rua continua a mesma, o material mudou, sendo agora feita com tijolos e alvenaria e não mais madeira. Mas ainda continua tendo a área na frente com churrasqueira e duas portas, assim como é nas casas antigas.

Autores que trabalham a questão da cultura material como Daniel Miller pensam a casa como objeto de consumo. Para o autor a humanidade está ligada a materialidade, sendo que os objetos fazem parte da vida das pessoas e servem como portadores de memória de épocas passadas. Para o autor o consumo não é o fim da sociedade, mas representa uma possibilidade de entrarmos em outra. Conforme Miller (2007, p.47):

Muito do consumo moderno preocupa-se com a casa tanto como o objeto de consumo ou como o cenário para a organização e uso das mercadorias, (...) Estudos de cultura material trabalham através da especificidade de objetos materiais para, em última instância, criar uma compreensão mais profunda da especificidade de uma humanidade inseparável de sua materialidade.



Figura 5. Casa de construção recente. 2011.



Figura 6. A sala das casas construídas recentemente. 2011.

Baudrillard (2002) afirma que os objetos personificam o espaço em que se encontram, essa interpretação segue na mesma direção do debate aqui inserido, em que os objetos (incluindo as moradias) não são meras peças de utilização diária, mas sim cheios de significados, portadores de memória. Da mesma forma que o homem não “inventa” a cultura para simplesmente suprir suas necessidades biológicas, o homem também não constrói objetos simplesmente por que lhe são úteis no sentido pragmático. Afirma o autor que “a dimensão real em que vivem é prisioneira da dimensão moral que tem que significar” (Baudrillard, 2002, p.22). Pelo que foi debatido até agora, as representações da moral do grupo estudado se exprimem, entre outras coisas, pelo modo de como a estrutura da casa se organizava. Contudo, defender a ideia de que a realidade é prisioneira da dimensão moral seria um equívoco depois de ir a campo e perceber que isso não ocorre em todos os lugares. A sociedade não é estática, mas dinâmica, logo as estruturas que definem a moral também são cambiáveis no sentido de que há mudanças ao longo do tempo em que nada fica prisioneiro. Na minha percepção não há esse tipo de determinante social e essa visão parece ser pouco dialética visto que diversos fatores determinam a realidade e nenhum é determinante ao ponto de fazer o outro prisioneiro.

Os objetos que eu encontrei nas casas, como quadros de fotografias e uma estante de mais de 80 anos são motivo de orgulho de seus donos. Baudrillard afirma que o mobiliário é uma imagem fiel das estruturas familiares e sociais de uma época. E que “ao mesmo tempo que mudam as relações do indivíduo na família e na sociedade, muda o estilo dos objetos mobiliários”(BAUDRILLARD, 2002, p.23). Esses móveis preservam a memória de fatos que ocorreram, e de quem eles compraram o mobiliário. É importante lembrar que não existiam lojas de móveis como existem hoje, as famílias sempre conheciam alguém que fazia trabalho de marcenaria e montagem de móveis, cada móvel era encomendado e era feito sob medida. Outros objetos são os quadros de fotografias dos casamentos antigos, são quadros grandes que ficam expostos nas paredes, pintados a óleo preservando a memória de pessoas falecidas e outras ainda vivas, como no caso de casal de avós que se veem depois de 50 anos de casados. Não são simples objetos, mas sim testemunhas de um período passado. As pessoas mais idosas se reportam a eles para contar sobre festas, casamentos, e toda uma gama de acontecimentos que estão direta ou indiretamente ligados aos objetos que as rodeiam. Os objetos que são deixados de herança possuem maior significado ainda, segundo os meus interlocutores, representam uma parte da pessoa que faleceu. Os objetos eternizam de certa forma as pessoas e os quadros pintados a óleo ilustram um pouco sobre isso.



Figura 7. O balcão de mais de 80 anos. 2011.



Figura 8. Quadro de casamento pintado a óleo. 2011.

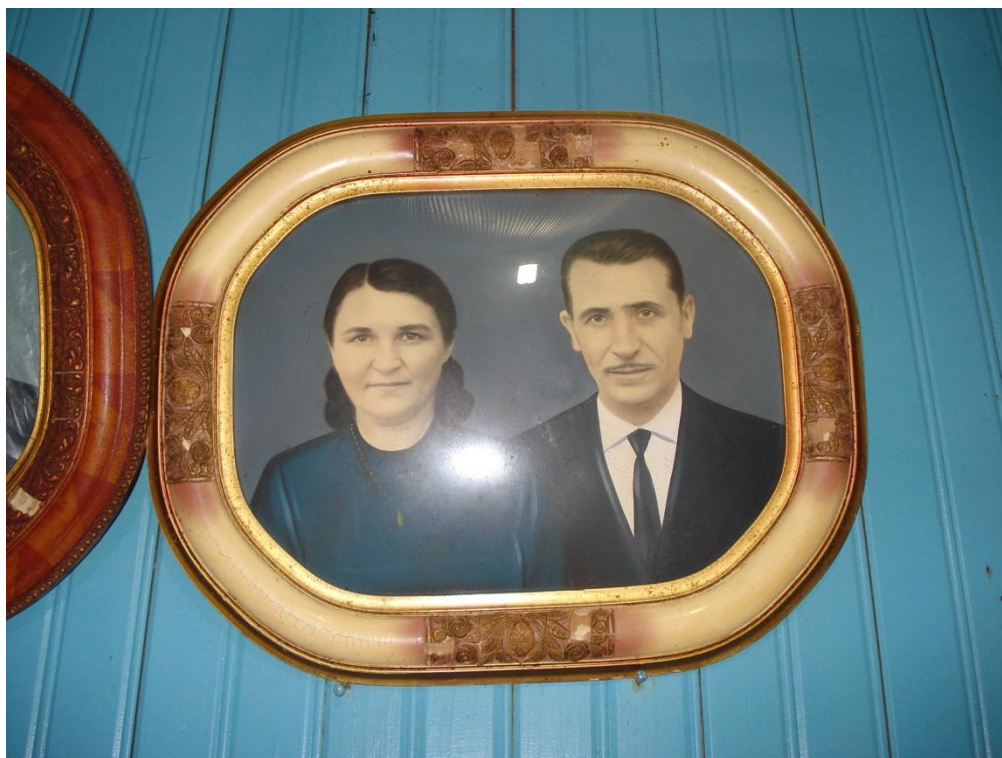


Figura 9. Quadro de casamento pintado a óleo. 2011.

Na teoria de Bourdieu (1983) referente às estruturas estruturantes e as estruturas estruturadas percebe-se como as normas de respeito, de moral em relação à sexualidade e religião são oferecidos aos indivíduos. Após a pesquisa de campo, pude notar que as casas antigas que visitei formam uma estrutura estruturante porque a forma de sua organização confirmava muitos traços e valores que eram valorizados pela sociedade em questão. As pessoas aprendiam a ser católicas, a rezar de certas formas e não de outras (de preferência ajoelhado), a participar dos atos fúnebres e a festejar de certas formas e em certas épocas do ano e não em outras⁵. O namoro que simbolizava a união entre duas famílias que se conheciam, era assistido para que a integridade (principalmente da moça) fosse preservada. O respeito ao corpo da mulher solteira era algo muito presente nas sociedades antigas e se confirma através da abertura da parede em que o pai podia observar o casal. A casa reforçava as normas e os valores sociais daquela sociedade. De certa forma a casa, no sentido físico e simbólico do termo, é um agente social. Bourdieu (1983 p.61) ajuda a compreender esse ponto:

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de

⁵ Nunca se festejava no período que compreende hoje o intervalo após a terça feira de carnaval e a páscoa, chamado de tempo de Quaresma.

classe), que podem ser apreendidas empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem um *habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturados das práticas e das representações que podem ser objetivamente "reguladas" e "regulares" sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem, ser o produto da ação organizadora de um regente.

Mas houve mudanças importantes, a casa transformou-se por que as pessoas que moram nelas passaram a pensar e agir de outra forma. A casa que também é uma estrutura estruturada, pois foi reconstituída a partir da nova ordem moral que nasceu durante a década de 1980-1990. Nesse período curiosamente não houve construções de casas na localidade. Mas por volta da virada dos anos 2000 algumas pessoas migraram progressivamente para uma nova forma de construção de casas e organização dos ambientes domésticos. A televisão foi a principal responsável posto que com ela as pessoas conheceram novas formas de organização da sua casa tanto estruturais quanto decorativas. Novos padrões comportamentais passaram a ser valorizados, passou a não ser importante compartilhar com o vizinho as experiências do dia a dia, cada um fica em sua casa assistindo a programação das emissoras de televisão. Agora as casas passaram a refletir o modo de pensar da sociedade pós-moderna: O individualismo e a privacidade passaram a ser valores importantes, enquanto o sentimento de coletividade vicinal passou a ser deixado de lado. Cada filho tem a liberdade de fazer o que quiser dentro de seu quarto, já que não divide com ninguém. O número de filhos diminuiu para um e no máximo dois por casal. A sala não tem mais a função que teve antes, de local onde se dava as trocas, as festas, o velório e as orações. Em algumas casas, percebi que ela comporta objetos como estantes, geladeira, armários, etc.

Depois de um longo dia de trabalho na lavoura junto ao gado e a plantação tornou-se, segundo meus interlocutores, costume sentar diante da televisão para assistir as novelas ou os noticiários. Os integrantes da família não se reúnem mais para conversar e compartilhar suas histórias de vida e os populares "causos". Estes podem ser desde piada ou histórias com sentido moral. Essas histórias e causos não são mais passadas de "pai pra filho" pois o local reservado pra isso praticamente não existe mais. Além disso as pessoas preferem assistir TV

ou os jovens, conforme pude perceber, navegam na internet⁶. Penso que vários fatores externos como mídia, por exemplo, tenham proporcionado a fragmentação das identidades. Não se trata de um completo esquecimento do passado e das tradições antigas visto que, por exemplo, ainda é preservada a culinária típica. Penso também que não seja o fim da família ou das relações familiares, mas apenas uma resignificação de papéis e relações que se estabelecem.

Por outro lado, as trocas, que segundo Mauss, que representam a “cola” que une as pessoas dentro de uma sociedade está enfraquecida por que a lógica cultural se tornou diferente. O rompimento da tradição cria uma sensação de vazio cultural, de massificação. A dinâmica de ser, vestir e construir consiste em seguir as tendências ditadas pela mídia. Houve um rompimento com a tradição, como muitos deles me relataram: “Não é mais como uma vez”. A tradição, segundo Giddens (2002, p.50) cria uma sensação de firmeza das coisas que normalmente mistura elementos cognitivos e morais. Os indivíduos que lá moram passaram por um período de transição cultural radical, onde certos valores foram menos valorizados e outros mais.

Os móveis, as casas, os instrumentos usados para fabricação de vinho são agentes culturais, apesar de parecerem simples objetos. Ao interagirem com as pessoas que lá vivem interagem com a memória e são relacionados a fatos e ocorridos. As mercadorias, como as pessoas, têm uma vida social. Essa ideia é proposta por Appadurai (2008) quando ele fala que os objetos possuem um valor muito além de seu valor de mercado, eles possuem um valor social que não se pode calcular.

Após a inserção de campo pude refletir acerca do enfraquecimento da relação entre os as pessoas (principalmente as mais jovens) e os objetos que fazem parte daquela cultura há gerações. Pode ser uma característica da nova geração, de querer se diferenciar do passado e viver de acordo com os padrões culturais ditados pela mídia. Ocorre que se perde toda a relação histórica e cultural com os objetos e com o entorno que as pessoas vivem. Na exposição com diferentes padrões culturais esta sendo esquecida a própria história, suas referências culturais. Jameson (1995) defende a ideia de que na pós-modernidade perdeu-se a noção de espaço por criou-se um hiperespaço e ultrapassou-se a capacidade do homem em se localizar, de mapear cognitivamente sua posição no mundo, ele fala que estamos em um ponto alarmante entre o corpo e o ambiente construído. Nas palavras de Jameson (1995, p.77):

⁶ Neste ponto, pode-se abrir um novo debate de pesquisa que não será tocado aqui. Se trata das relações virtuais que esses jovens estabelecem na internet e que vínculos estabelecem entre si.

Certamente essa é a função exata que o mapeamento cognitivo deve ter na moldura mais estreita da vida cotidiana na cidade: permitir a representação situacional por parte do sujeito individual em relação àquela totalidade mais vasta e verdadeiramente irrepresentável que é o conjunto das estruturas da sociedade como um todo.

Os objetos que me foram expostos não podem ser enquadrados na categoria de mercadoria. Afirmo isso com base na reflexão que Appadurai (2008) faz quando trabalha com os objetos. Para ele as coisas, assim como as pessoas também possuem uma vida social. Carvalho (2008) trabalha com os objetos que ficam dentro de uma casa, de uma família por gerações, no entender dela, esses objetos estão relacionados ao sentido de continuidade da família, demonstra vínculo com o passado. Isso ficou claro quando perguntei aquelas pessoas acerca dos objetos que fazem parte daquela família. A minha interlocutora ao me mostrar um balcão (figura 7) contou-me que ele está na sua família há mais de 80 anos, que seu avô tinha comprado de um marceneiro local. A partir desse objeto (o balcão) a minha entrevistada me falou sobre os diversos usos que sua família tinha feito. Percebi que aquilo não tinha um valor de uso e um valor de troca. O objeto é agente de uma teia de relações sócio-históricas que transpassa qualquer tipo de mensuração monetária. Até a própria dona não se sente no direito de comercializá-lo, pois ela não se trata como necessariamente dona, mas sim uma guardiã de um objeto da sua família. Ele existia antes de ela nascer e vai continuar existindo depois de sua morte. Esses objetos segundo Carvalho (2008) são considerados uma categoria masculina, pois representam estabilidade, robustez e confeccionados de madeiras nobres. Ao contrário, percebe-se que os detalhes que enfeitam esses objetos como artigos em tricô são feitos e colecionados pela mulher e objetos em porcelana, em geral delicados e menos visíveis do que os móveis representantes do lado masculino. Appadurai faz uma analogia ao Kula de Malinowski quando afirma que o Kula é o exemplo mais bem documentado de um sistema de trocas não monetizado de objetos de valor. Os objetos representam vínculos sociais e de reciprocidade mais ou menos estáveis entre os homens (APPADURAI 2008, p.33).

Considerações finais

Esse trabalho se propôs a inserir uma discussão referente a nova realidade social que se apresenta na cidade de Anta Gorda - RS. Por ser uma cidade pequena e de predominância de descendentes de imigrantes italianos, foi possível perceber a transição que ocorreu da

antiga para a nova dominante cultural. A nova lógica cultural foi se fixando com o passar do tempo dado a exposição que tiveram a novos padrões culturais. Como afirma Leitão e Pinheiro-Machado (2010, p.244) não existe cultura sem objetificação. A partir da inversão da máxima durkheimiana de tratar as coisas como fatos sociais, foi possível realizar a presente pesquisa e entender, por exemplo, a postura da mulher entrevistada diante do seu balcão. Ela nasceu e o balcão já estava lá, ela não pode vendê-lo ou modificá-lo por que representa parte de sua família, de alguma forma, os objetos desse tipo são fatos sociais.

As mudanças que ocorreram no sentido da organização das casas ilustram de certa forma, como as relações entre indivíduo e sociedade foram modificadas durante essas últimas décadas. Essas modificações não devem ser interpretadas no sentido de perda, mas de mudança de autoidentidade no sentido que Giddens (2002) propõe. Segundo o autor, a autoidentidade se torna problemática na modernidade de uma maneira que contrasta com as relações mais tradicionais (GIDDENS, 2002, p.38). Foi possível concluir que os objetos são muito mais do que simples utensílios domésticos, são agentes sociais e que mesmo com as mudanças sociais que ocorrem, eles continuam a serem portadores de história, agentes que ilustram a história daquelas pessoas.

Outra consideração é que ao entrar em campo não nos tornamos simples agentes numa pesquisa antropológica. Quando eu as entrevistei, mesmo não sendo estranho àquele meio, as pessoas se sentem estimuladas em contar suas histórias, relacioná-las com sua casa, e os objetos que está ao seu redor, pois instigamos as pessoas que falem sobre seu passado e reconstruam uma identidade que está sendo modificada com o passar do tempo. Assim, uma pesquisa dita antropológica se transforma numa viagem ao passado das pessoas e aos retalhos deste passado que ainda sobrevive no presente.

Referências bibliográficas:

- APPADURAI, Arjun. **Introdução: mercadorias e a política de valor.** In: APPADURAI, Arjun (org). A vida social das coisas. Niterói: EDUFF, 2008.
- BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Editora Perspectiva, 4ª ed, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A casa ou o mundo às avessas.** In: Ensaio sobre a África do Norte. CORRÊA, Mariza (org.) IFCH-UNICAMP. nº46, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma da teoria prática.** In: ORTIZ, Renato. (org) Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983.
- CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato:** o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio.** São Paulo: Editora Ática, 1995.
- LEITÃO, Débora K. PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Tratar as coisas como fatos sociais:** metamorfoses nos estudos sobre a cultura material. Mediações, Londrina, V.15, nº2, p.231-247, 2010.
- MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material.** Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 13, n. 28, dez. 2007.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. **Imagem, magia e imaginação:** desafios ao texto antropológico. Mana. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2008.
- POUILLON, Jean e MIRANDA, P. **A casa kabyle ou o mundo às avessas.** Tradução de PAPAVERO, Claude Guy. Cadernos de campo, n. 8, 1999.
- WEIMER, Günter. **A arquitetura no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto: 2ª Ed., 1987.
- ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Assistir, ouvir, ler e narrar:** o papel da mídia nas construções identitárias étnicas. Revista de Antropologia São Paulo, v. 48, n. 2, 2005.